

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONHECIMENTO E PÓS-VERDADE

Daniel Christian dos Santos<sup>5</sup>

### Resumo

O conhecimento, em tempos de desalento e desesperança, é escondido por alguns e silenciado por tantos na construção da autoverdade. Esse artigo analisa com rigor filosófico aquele que é o maior desafio da filosofia: desconfiar das crenças dos homens e verificar por meio de justificação se o que se apresenta é mera crença ou conhecimento de fato. Nesse artigo, pretende-se argumentar a necessária comparação do que se postula conhecimento com a realidade e como essa relação mostra-se feita com marcadores epistêmicos. Analisar-se-á também a importância de separar a crença enquanto estado mental e a crença enquanto marcador epistêmico que suscita comprovação pela justificação. Será argumentado como tratou-se o problema do conhecimento na modernidade filosófica, buscando argumentar como se pode confundir crença, mero estado mental, com conhecimento. Analisaremos o texto de Kant buscando o racismo epistêmico dele no texto analisado. Far-se-á uma análise da relação conhecimento - crença com o advento da pós-verdade bem como as consequências trazidas por esse novo formato de debate político. Formato que tem fundamento na crença enquanto estado mental e explora os sentimentos dos indivíduos para manipular a verdade e construir aquilo que chamaremos de autoverdade. Faremos a análise dos resultados da pós-verdade no debate político, verificando o uso desse expediente na política e sua colaboração para ascensão de Jair Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos Estados Unidos da América. Por fim, mostraremos como uma das mais antigas teorias de verdade estudada pela filosofia pode contribuir na desconstrução das crenças que se fundamentam na pós-verdade.

**Palavras chave:** conhecimento, crença, verdade, epistemologia e pós-verdade.

### Abstract

Knowledge, in times of dismay and hopelessness, is hidden by some and silenced by so many in the construction of self-truth. This article analyzes with philosophical rigor what is the greatest challenge of philosophy: distrust of the beliefs of men and verifying through justification whether what is presented is mere belief or knowledge of fact. This article aims to argue the necessary comparison of what is postulated knowledge with reality and how this relationship is made with epistemic markers. It will also analyze the importance of separating belief as a mental state and belief as an epistemic marker that raises proof by justification. It will be argued how the problem of knowledge in philosophical modernity was treated, seeking to argue how one can confuse belief, mere mental state, with knowledge. We will analyze Kant's text seeking his epistemic racism in the analyzed text. An analysis of the relationship between knowledge - belief with the advent of post-truth as well as the consequences brought by this new format of political debate will be made. A format that is based on belief as a mental state and explores individuals' feelings to manipulate the truth and build what we will call self-truth. We will analyze the results of the post-truth in the political debate, verifying the use of this expedient in politics and its collaboration for the rise of Jair Bolsonaro in Brazil and Donald Trump in the United States of America. Finally, we will show how one of the oldest theories of truth studied by philosophy can contribute to the deconstruction of beliefs that are based on the post-truth.

**Keywords:** knowledge, belief, truth, epistemology and post-truth.

---

<sup>5</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: danielchristian@gmail.com

## Introdução

Por tempos, filósofos das mais diversas escolas e de diferentes linhas filosóficas buscaram definir qual o propósito da filosofia, a exemplo de Sócrates, Platão, Aristóteles, Epíteto, Descartes, Hegel, Husserl, Heidegger etc. Dentre essas definições não há dúvidas que a validação das crenças, concepção do que é conhecimento e adequação dos métodos e critérios que definem o que é o conhecimento, foram algumas das mais importantes funções da filosofia. Pode-se afirmar que, não fosse a epistemologia, ter-se-ia menos certezas do que as poucas que temos no campo do conhecimento.

Nossa análise, neste artigo, visa buscar como o conhecimento pode ser instrumento de ligação da crença com a realidade. Marcadores epistêmicos estudados e discutidos ao longo da história da filosofia são ferramentas úteis para validar crenças e neste texto vamos verificar como isso é possível bem como a importância disso para a segurança e confiabilidade das crenças em relação à realidade. Vamos analisar a crença como estado mental e crença provada por marcadores epistêmicos.

Na primeira parte com o subtítulo “O problema do conhecimento e sua aplicação na modernidade” será abordado também o conhecimento enquanto problema filosófico e, minimamente da forma que for possível neste artigo, vamos argumentar as bases desse problema. Para tanto vamos focar no conhecimento proposicional que é o que nos interessa na argumentação que pretendemos engendrar em nossa perscruta. A definição clássica de conhecimento proposicional será nosso ponto de partida para argumentação que se seguirá adiante.

Para exemplificar o uso apropriado dos marcadores epistêmicos, ainda na primeira parte da argumentação, traremos como exemplo a argumentação engendrada por Kant em seu ensaio sobre estética “Observações Sobre o Belo e o Sublime”. Com a proposição e comparação do trecho estudado desse ensaio do filósofo prussiano, pretende-se mostrar que, inclusive um filósofo competente, pode ‘perder-se’ na argumentação e incorrer no erro de atribuir verdade e status de conhecimento validado epistemologicamente a uma crença forte, comum e popular a pessoas de seu tempo e que o próprio filósofo acredita. Vamos discutir as falhas na argumentação de Kant quando ele destaca diferenças entre brancos e negros: “*Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores.*” (KANT, 1993. p. 114). Destacaremos o erro racista dessa proposição demonstrando a falha na argumentação de Kant.

Com o título “Relação conhecimento e crença na pós-verdade” iniciamos a argumentação da relação conhecimento e crenças fazendo uso de uma citação do filósofo estoico Epicteto. Escolhemos a citação deste filósofo para enfatizar o sentido de desconfiança que o filósofo deve ter em relação a mera crença. Assim, é com esse propósito que pretendemos argumentar a relação crença – conhecimento, contextualizada com a discussão de um problema que afeta as relações no mundo contemporâneo: a pós-verdade.

Nesse caminho argumentativo, buscou-se alertar para o risco de partir de proposições que se desenham na pós-verdade. Para tanto, apresentamos a posição de Martin Heidegger, um teórico do conhecimento reconhecido, em seu alinhamento e adesão ao nazismo. Com essa argumentação queremos reforçar que mesmo os mais experimentados epistemologicamente estão sujeitos a aderirem causas clássicas da pós-verdade como foi o caso do nazifascismo.

Buscamos também referência em Frantz Fanon para tratar do humanismo deficitário que se argumentava na modernidade filosófica. O argumento foi no sentido de que esses deslizamentos epistêmicos de Heidegger e Kant (por extensão de Hume, dado o trecho que referenciamos) foram a serviço de uma ideologia que nada tinha a ver com conhecimento. Mesmo assim, todo o peso teórico desses importantes filósofos foi empregado em prol dessas teorias políticas e econômicas que se pautaram em teses de pós-verdade para se fazerem aceitas. Também entendemos importante trazer a relevância de situar no campo epistêmico a separação da crença enquanto estado mental e ela discutida em grau epistêmico.

Mediante a atualidade e discussão que efetuamos do conceito de pós-verdade nessa argumentação, definimos minimamente o conceito com base nas observações de Timothy Snyder sobre o fenômeno da pós-verdade e suas implicações na contemporaneidade. Dentro da perspectiva do historiador estadunidense, buscamos referenciar o discurso político contemporâneo adotado por Donald Trump nos Estados Unidos da América e de Jair Messias Bolsonaro no Brasil. A ideia é demonstrar o perigo da filiação política ao discurso da pós-verdade e algumas consequências disso no debate público, que tem por pressupostos a crença em estado mental que apela ao sentimento das pessoas nem que para isso tenha que sacrificar a verdade. Faremos também uma breve reflexão dos motivos de perseguição do atual governo brasileiro a filosofia em particular, bem como os ataques de Bolsonaro a esse campo do conhecimento, sempre verificando sua relação com o debate epistemológico.

Por último, trataremos uma definição de verdade segundo a teoria de verdade como correspondência. Nessa proposição pretendemos fazer frente ao discurso da pós-verdade

pondo a prova a proposição de Donald Trump sobre um problema que nos afeta na atualidade: a pandemia do covid-19.

## **O problema do conhecimento e sua aplicação na modernidade**

A vida humana, desde muito tempo, deixou de se guiar exclusivamente pela intuição e instinto. Sabemos que o homem deixou de ser nômade, dominou a técnica da agricultura e se estabeleceu em lugares de sua escolha. As escolhas humanas por lugares onde se estabelecer, técnicas agrícolas viáveis, técnicas de segurança do grupo social etc., foram pautadas por observações que levaram a crenças que, eventualmente, foram justificadas provando ser a melhor opção. Portanto, desde que o homem passou a usar sistemas, técnicas etc., ele passou a fazer uso do conhecimento e o problema que se impõe é saber como determinar, em bases objetivas e método claro, sobre o que é conhecimento de fato.

O problema do conhecimento na história da filosofia, jamais deixou de ser abordado e, ao que tudo indica, não está plenamente resolvido. Primeiro ponto que nos leva a esta afirmação é que, por mais que fora abordado por diferentes escolas filosóficas, em diferentes épocas, não há consensos nem entre os pesquisadores da teoria do conhecimento, sobre a definição última e acabada quanto ao questionamento: o que é conhecimento? Dito isto, será que há algo nesse campo da filosofia que nos permita caminhar por estradas menos sinuosas? Vamos nos debruçar sobre esse problema em nossa argumentação.

Nesse caso, se queremos argumentar sobre teorias mais aceitáveis e hipóteses menos prováveis do diálogo epistemológico, devemos ter em perspectiva como se constrói a ideia de conhecimento e isso passa por entender as teorias que pretendemos nos filiar nesta argumentação. O método de aferir conhecimento proposicional que parte de uma crença é a chave de nossa perscruta, deixá-lo claro será nossa busca durante nossa argumentação. Para tanto, far-se-á necessário ter claros os métodos para se comprovar o conhecimento que adotaremos como paradigma, além disso, ter bem delineado os exemplos dos quais faremos uso para obter as respostas as nossas indagações quanto ao problema do conhecimento. Para avançar na definição do conhecimento usaremos como paradigma a definição clássica de conhecimento proposicional onde temos que “S conhece p se e só se S acredita, justificadamente, que p é verdadeiro” (cf. SAAB, 2013, p. 67). Essa definição nos dá uma primeira noção de como podemos entender o conhecimento.

O conhecimento é um problema que, até entre os filósofos mais capazes, podemos encontrar equívocos na aplicação ou construção de argumentos, inclusive quando trata de

discussões próprias da filosofia. Se tomar como exemplo Emanuel Kant, filósofo de incontestável importância para a filosofia ocidental, com várias obras listadas entre os “cânones” filosóficos do ocidente (inclusive no campo da epistemologia) incorreu em flagrante “imprecisão” ao discutir um tema político e humanitário. Kant contradiz sua própria argumentação na *Crítica da Razão Prática* ao formular a argumentação desenvolvida no ensaio “Observações sobre o sentimento do belo e do sublime” conforme segue:

“Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do pueril. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, constantemente ele constata que, mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo a cor. A religião fetichista, largamente difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria que se enraíza tanto na puerilidade quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, um chifre de uma vaca, um búzio, ou qualquer outra coisa ordinária, desde o instante em que esta coisa seja consagrada por certas palavras, é um objeto de veneração e invocada em juramentos. Os negros são muito vaidosos, mas à maneira negra, e tão tagarelas que é preciso dispersá-los a golpes de porrete” (KANT, 1993, p. 114).

Ora, na afirmação de Kant, podem ser apontadas várias falsidades que alicerçam sua argumentação, vamos nos ater a apenas uma. A falsidade que analisaremos diz respeito a determinação da existência de uma diferença “essencial” entre negros e brancos e determinação daquilo que é de ‘natureza do negro’ aqui interpretado como “essência do negro”. Ora, para ele há uma essência comum a todos os humanos classificados como negros que é diferente da essência de todos os humanos classificados como brancos. Por si a classificação “negro” feita pelo filósofo prussiano é inconsistente, o que são negros para Kant? Somente os que foram sequestrados e forçados a escravização e os que ficaram em África? E quanto a outros que também são pretos como os da África também estão inclusos nessa classificação? O que define essa categoria é local de nascimento e cor de pele? Com que precisão Kant trata da “natureza dos negros africanos” sem ter estado em África para comprovar? A filosofia de Hume bastava para tal? Há problemas na classificação de Kant.

Além disso, se há uma essência do negro africano que é diferente e inferior à do branco, porque temos tão variadas culturas, variados destinos, variados modos de viver e de pensar na África Negra? Se essa essência é pueril como afirma o filósofo, porque tivemos

tantos escritores negros a exemplo de Cruz e Souza<sup>6</sup> e Machado de Assis<sup>7</sup> no Brasil, W. E. B. Du Bois<sup>8</sup> e Frederick Douglass<sup>9</sup> nos Estados Unidos, Zera Yacob<sup>10</sup> na Etiópia (este último, segundo estudos de Claude Sumner<sup>11</sup>, precedeu o próprio Kant na concepção e desenvolvimento de ideias iluministas)? Vale pontuar que os três primeiros exemplos eram descendentes de pessoas escravizadas sequestradas na África e trazidas para as Américas. Frente ao exposto cabe um questionamento: Kant pauta-se na realidade, ou seja, ele analisa com rigor científico aos que classifica “negros” para que chegasse a essa “essência - natureza do negro africano”? Além disso, essa análise cobre todo o universo daqueles que ele classifica “negros”?

Respostas para esses questionamentos podem ser comprovadas com perscruta cuidadosa. Fazendo uma análise epistemológica podemos avaliar a afirmação “há uma *essência negra*”, a conclusão que chegaríamos aplicando o princípio de crença verdadeira justificada é que a proposição é falsa. Conforme provou-se anteriormente, Kant não a investigou suficientemente, isto é, não foi possível a Kant em vida investigar todas as características daqueles que ele definiu negro – não seria possível a nenhum ser humano da época por mais hábil e dedicado que fosse fazê-lo.

A prova disso é que se perscrutamos a categoria “essência” a luz da fenomenologia temos que, segundo a análise hermenêutica de Abbagnano (2007), o estudo de Husserl caracteriza ‘essência’ como o que se encontra no ‘*ser próprio*’ de cada indivíduo, nas palavras de Husserl seu *quid*<sup>12</sup>. Ora, por essa análise não é possível afirmar a existência de uma “essência negra” pois, ela teria que ser comum a todos os indivíduos que Kant designa “negro”. Pode-se, portanto, concluir que a crença de Kant em uma “essência negra” diferente de uma “essência branca”, por mais forte e comum que seja a grande parte de europeus de seu tempo, é falsa e tem sua base na visão de um senso comum predominante em seu tempo qual seja: racista, euro-centrado e provinciano.

---

6 Poeta catarinense nascido em 1861 morto em 1898. Introduziu a estética simbolista em nossas letras, descendente de pai e mãe escravizados, *categorizado* como “negro”. Produziu as mais importantes obras dessa estética literária: *Broquéis, Farol, Evocações* etc.

7 Considerado por muitos o maior escritor brasileiro, fundador da Academia Brasileira de Letras.

8 Sociólogo estadunidense.

9 Foi um abolicionista, estadista e escritor estadunidense.

10 Filósofo etíope; viveu de 1599 a 1692.

11 Filósofo canadense. Ficou conhecido por seu trabalho sobre filosofia etíope e, em particular, por apresentar os filósofos Zera Yacob e Walda Heywat ao mundo de língua inglesa.

12 O ‘*quid*’ aqui é classificado como o ‘*que*’ de cada indivíduo, um ‘*que*’ que gramaticalmente pode ser definido como um pronome relativo e tem essa função quando se verifica a essência do indivíduo, isto é, relativo a ele.

A definição clássica de conhecimento proposicional que segue o esquema “C = Cr., V, J” (Conhecimento é crença verdadeira e justificada) pode ser uma forma eficaz na busca da classificação do conhecimento proposicional desde que a justificação seja fundamentada na realidade, no tempo e na história. Quando partimos da crença para buscar uma justificação que a defina conhecimento, todos os pressupostos que a coloque em contato com a realidade devem ser comprovados. Por exemplo, a crença na ‘abertura do mar vermelho’ por Moisés (Bíblia, Êxodo 14-16) carece de elementos históricos que a comprovem como um evento fatídico, isto é, conhecimento válido. Se não forem encontradas provas reais que afirmem a ocorrência de tal evento ele continuará sendo crença, um estado mental de fé. Esta última pode prescindir de comprovação como afirmou o Apóstolo Paulo em sua carta aos Hebreus: “*Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, e a convicção de fatos que se não veem*” (BÍBLIA, Hebreus 11-1). A fé, como afirma Paulo de Tarso, é ‘firme fundamento’, representação idealizada de verdade que não corresponde à realidade.

Mesmo os filósofos mais experimentados, inclusive epistemologicamente como é o caso de Immanuel Kant, podem incorrer em erro proposicional que invalidem sua proposição como conhecimento. Além disso, não raro podemos encontrar proposições falaciosas que buscam a *autoverdade* em uma dessas crenças fortes, de ampla adesão. Como vimos, não poderemos creditar verdade a este ‘estímulo de popularidade de uma proposição’ de modo que, incorrer no erro de pautar-se em uma verdade construída é o menor dos problemas. Tivemos consequências sérias na ‘verdade’ afirmada por Kant no trecho que trabalhamos, ela trouxe como resultado a força auxiliar do peso da opinião, de um importante filósofo, favorável a colonização, a escravização dos corpos negros, a objetificação de seres humanos.

### **Relação conhecimento e crença na pós-verdade**

Para Epicteto a filosofia tem uma origem que é a tomada de consciência da existência do conflito entre crença e a necessidade de investigar a sua correção. Para o filósofo estoico sempre haverá desconfiança quanto a mera crença conforme segue:

“Esta é a origem da filosofia: a tomada de consciência que existe um conflito entre as crenças dos homens, e a procura da fonte de tal conflito, acompanhada por uma atitude de desconfiança em relação a mera crença. Também a necessidade de investigar cada crença para ver se é correta, e da necessidade de se descobrir um certo padrão de juízo, comparado a balança que inventamos para determinar pesos, ou a régua, para linhas retas e tortas” (EPICTETO, *Circa* 100).

Não é diferente a atitude dos homens contemporâneos frente às questões de crença que permeiam a realidade de nosso tempo, contudo, observamos uma mudança de rumos quanto a crença e o que é o conhecimento. Na atualidade podemos observar um acirramento pelo controle sobre o discurso da verdade, como se ela pudesse ser construída a partir de pressupostos que agradem os grupos de crédulos. Com isso, o que se observa é uma busca constante pela ‘falsificação’ de conhecimentos comprovados e construção de uma *auto verdade* do grupo que controla o discurso.

Ora não se pode afirmar que em tempos passados, a razão e a procura da verdade fora rigorosamente buscada pelo homem ocidental, um exemplo de falsidade proposicional está na análise anterior que fizemos do texto de Kant, a humanidade nunca esteve livre da crença sem desconfiança, acatada de imediato como conhecimento. Mesmo sem ingenuidade quanto ao desejo de acessar os processos de busca por conhecimento, o que se pode afirmar é que a busca pelo conhecimento foi genuína em vários momentos da história da filosofia, por exemplo, mesmo que tenha cometido a perfídia do racismo e da ficção da raça, Kant foi um competente teórico do conhecimento.

Com isso queremos afirmar que o risco de se apegar a crenças que nos agradam, sem passá-las pelos crivos mínimos de justificação é real e não é exclusividade de nossos tempos. Podemos buscar mais um exemplo na história da filosofia. Martin Heidegger, competente teórico do conhecimento, teve sua marca no século XX no que se refere a este campo da filosofia, no entanto, o mesmo século que testemunhou as colaborações que Heidegger trouxe para a filosofia, também pôde assisti-lo filiar-se a mais uma monstruosidade cometida pelo homem branco europeu: o nazismo. O filósofo alemão solenemente proclama: “Hitler desperta nosso povo” conforme segue trecho de uma carta enviada a seu irmão menor Fritz:

“Caro Fritz, parece que a Alemanha despertou, compreendeu seu destino. Gostaria que lesse o livro de Hitler, fraco nos capítulos iniciais autobiográficos. Já ninguém mais pode negar que este homem possui, e sempre possuiu, um seguro instinto político, quando todos nós ainda estávamos obnubilados. O movimento nacional-socialista crescerá no futuro, com novas forças adicionais. Já não se trata da mesquinha política de partido – trata-se antes a salvação ou do ocaso da Europa e da cultura ocidental”<sup>13</sup>.

Ora, citamos dois competentes teóricos do conhecimento que se filiaram a noções controversas de política, ligadas ao extermínio de seres humanos, o que nos remete ao seguinte questionamento: se estes filósofos aplicassem suas teorias a suas crenças teriam

---

13 IHU, 2016. Cf. As cartas trocadas entre Martin Heidegger e seu irmão menor Fritz. As cartas analisadas vão do período de 1930 a 1949.

evitado participar no crime contra a humanidade que ajudaram a perpetrar? Talvez, essa resposta requeira um desenvolvimento mais aprofundado que não teremos tempo de proceder.

O que podemos afirmar com certeza é que Kant emprestou seu prestígio para servir ao escravismo e sequestro de seres humanos e que Martin Heidegger tenha apoiado um regime igualmente atroz e genocida. Para esta afirmação encontramos em Frantz Fanon<sup>14</sup> um posicionamento interessante quando ele escreve:

[...] quando um antilhano diplomado em filosofia decide não concorrer para ser admitido como professor por causa de sua cor, dou como desculpa que a filosofia nunca salvou ninguém. Quando um outro tenta obstinadamente me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, digo: a inteligência também nunca salvou ninguém, pois se é em nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, também é em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio (FANON, 2008, p. 42-43).

No que foi dito por Fanon podemos usar para fortalecer a argumentação de que a teoria do conhecimento que prescindia de um humanismo real, pode nos levar aos desastres que destacamos. O humanismo, que segundo Abbagnano (2007), constitui a origem da cultura moderna, não dá conta de toda a humanidade, pelo menos o que se entende por humanidade na contemporaneidade. Baseando-se na escrita de Fanon pode-se fazer um paralelo com a ideia de que o humanismo, da modernidade filosófica, não salvou ninguém que ele não considerasse humano – negros, índios etc. – apenas serviu para decidir o extermínio em diferentes ocasiões daqueles considerados menos humanos.

A crença é um estado mental ‘através do qual afirmamos a verdade ou a realidade de uma coisa’ que, se não foi colocada a prova, tem sua validade epistemológica questionável. Temos crenças diversas e elas nos direcionam em nossas ações, o que não quer dizer que são corretas e verdadeiras. Pensemos que o fato de Kant acreditar com forte convicção que negros são essencialmente inferiores a brancos a ponto de afirmar que “[...] *Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo a cor*” (KANT, 1993, p. 114).

Se a filosofia busca analisar criticamente as crenças, não é razoável admitir que uma crença possa ser proclamada como conhecimento pela força de adesão e popularidade junto à opinião pública. Ora por mais que houvesse na época de Kant e Heidegger uma grande

---

14 Frantz Fanon foi psiquiatra, filósofo e importante ensaísta marxista. Francês da Martinica (América Central) de ascendência francesa e africana. Fanon fez uma discussão muito importante do movimento de libertação da África e as consequências psicológicas do racismo colonialismo tanto para o colonizador quanto para o colonizado. Fanon atuou na Frente de Libertação Nacional Argelina como um de seus intelectuais orgânicos. Entre suas principais obras estão *Pele Negra Máscaras Brancas e Os Condenados da Terra*.

parcela de europeus que acreditavam na afirmação do prussiano, bem como outros tantos na afirmação do filósofo alemão, sabemos, conforme argumentamos, que a afirmação de Kant é falsa pois, existem argumentos científicos e provas empíricas contundentes que podem refutar essa crença, sendo que o mesmo podemos dizer da posição de Heidegger (à luz da história e da ciência). Ou ainda, se um sujeito acredita que o Covid-19 acomete o infectado as mesmas convalências de uma gripe comum, não muda o fato que milhares de pessoas morreram após contraírem o vírus. Portanto, nossa crença por mais forte e convicta que seja carece de análise crítica para que seja comprovada, só assim podemos afirmar tratar-se de conhecimento.

A crença é uma representação mental de estado exterior susceptível de ser verdadeira ou falsa, presença certa na mente humana, ela vai se acumulando ao longo de nossa existência. Algumas delas perdem sentido, seja por terem sido testadas ou por terem sido substituídas, o fato é que ao longo da existência humana, as crenças norteiam as ações do indivíduo por consequência podem ser determinante para seu destino e se imaginarmos uma escala maior pode ser determinante para o destino de um país, por fim da humanidade.

Desse modo no fenômeno nomeado pós-verdade temos na crença uma forte base – quando não a única – para argumentação. Quando temos afirmação de uma ministra de estado do tipo “*a ‘igreja’ perdeu espaço nas escolas para a ciência*” (Istoé, 2019; destaque nosso) podemos afirmar que o fenômeno da pós-verdade avança de forma orgânica em várias esferas de poder no Brasil e no ano de concepção deste texto temos isso muito claro.

Para além desse fenômeno que se fortalece na contemporaneidade é preciso pontuar que as instituições de ensino após séculos de embate com as questões de fé, tinha alcançado uma relativa laicidade e liberdade de cátedra. Podemos dizer que o fenômeno da pós-verdade – que mostra parâmetros similares ao que encontramos no texto de Kant anteriormente discutido – avança sob o marco racional crítico, que historicamente teve a comprovação epistêmica no trabalho de filósofos como Karl Popper, Blaise Pascal e René Descartes; de cientistas como Galileu, Copérnico e Newton. O risco que se corre na contemporaneidade, é o de ter conhecimentos comprovados, que passaram por um exame crítico, substituídos por esse estado de crença coletiva que é motivada pelas emoções e proclamada como verdade sob o pretexto de liberdade de opinião.

O fenômeno da pós-verdade tem sido um importante instrumento de luta política na contemporaneidade. A julgar pelas eleições de Jair Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos

Estados Unidos, vemos uma importante mudança na relação da política com a verdade. Snyder traz a seguinte interpretação do fenômeno:

“Estamos preocupados com o que chamamos de ‘pós verdade’ e tendemos a pensar que o desprezo pelos fatos cotidianos e a construção de realidades alternativas sejam algo novo ou pós-moderno. Contudo, há pouca coisa aqui que George Orwell não tenha captado há sete décadas com sua ideia de ‘duplipensar’. Dentro dessa filosofia, a pós-verdade restaura precisamente a postura fascista em relação à verdade” (SNYDER, 2017, p. 68-69).

Quanto ao uso da pós-verdade como fenômeno político, entendemos que não há mais uma preocupação de retomada de uma postura fascista. Isso é observado no posicionamento de políticos que se elegeram sob esta plataforma, por exemplo, quando o Presidente do Brasil diz que a pandemia de covid-19 não passa de uma “gripezinha ou um resfriadinho” (Folha de São Paulo, 2020) há uma clara opção por negar a realidade. Há uma semelhança entre as falas quando Donald Trump diz que seria bom injetar desinfetante nos doentes para uma “limpeza interna” (G1, 2020) contra o coronavírus. Podemos observar em ambas as falas, um esforço de ressignificar a realidade com objetivo de criar uma verdade própria, Bolsonaro nega a pandemia, enquanto Trump busca alternativa inviável cientificamente. Em ambos os casos, o que se pretende é o compromisso irracional dos seguidores, o que menos importa nesses casos é a verificação da crença, sua comparação com a realidade.

Sabemos que existem argumentos diferentes quanto às formas de justificação das crenças para que estas se tornem conhecimento e os delimitadores epistêmicos por vezes é objeto de contenda entre filósofos. Mas uma coisa pode-se ter por certa: uma crença por mais que seja convicta, tradicional e forte jamais poderá ser justificada somente por estas características ou extensão da rede de convictos. É necessário que se justifique uma crença para que esta torne-se conhecimento. Nos exemplos anteriores, tanto Bolsonaro quando Trump querem invalidar qualquer possibilidade de verificação de suas proposições, fazem isso chamando seus seguidores a atacar os que argumentam em contrário por se tratarem de esquerdistas ou comunistas.

Sabe-se que a crença pode ser doxástica bem como adquirida por meio cognitivo, sentidos, experiências etc. Nesse contexto entendemos que todo ser humano capaz de julgar os sentidos, desenvolver uma ação cognitiva, refletir e ‘opinar’; pode ser considerado portador de várias crenças. A crença é situada na mente que acredita. Portanto, a crença acompanha nossa ação, às vezes até a determina, na medida em que agimos, pois, somos impulsionados

pelo desejo de um resultado ou para impedir que esses resultados aconteçam e, nesse sentido, a crença leva a reflexão para determinação de nossas atitudes.

Se a crença é a impulsionadora da ação humana porque pô-la a prova se o humano continua a agir, tal qual sempre o fez, de acordo com suas crenças? E qual seria o benefício da prova de verdade dentro de um método que comporte valores epistêmicos comprovadamente válidos? Esses questionamentos são respondidos de diferentes formas na epistemologia e os argumentos são os mais variados ao longo da história da filosofia. Contudo, a filosofia nunca deixou de ser ciência investigativa com uma forte tendência crítica, não se pode esperar da filosofia passividade frente a qualquer crença verificável por meios epistêmicos válidos, que tenha por objetivo a comprovação de verdade de uma crença.

Talvez essa análise crítica empregada pela filosofia, no que se refere às crenças, seja a explicação mais convincente para dar conta da perseguição à filosofia empreendida por parte de governos eleitos usando métodos da pós-verdade, notadamente o caso brasileiro conforme declaração que segue:

“Os cursos de filosofia e sociologia estão na alça de mira da presidência da República. Na manhã de sexta-feira (26), no twitter, o Bolsonaro declarou que o MEC ‘estuda descentralizar investimento (SIC) em faculdades de filosofia e sociologia (humanas)’. Na rede social, o presidente fez duas publicações em referência ao conteúdo dito durante a live semanal, no dia anterior.

Para Bolsonaro, esses cursos de humanas oferecidos pelas universidades públicas seriam um desrespeito com ‘o dinheiro do contribuinte’. No twitter, o presidente escreveu: ‘A função do governo é respeitar o dinheiro do contribuinte, ensinando para os jovens a leitura, escrita e a fazer conta e depois um ofício’.

Na transmissão semanal, Bolsonaro estava acompanhando de Abraham Weintraub, atual ministro da Educação. O chefe do MEC já havia criticado o ensino de filosofia nas universidades públicas, desta vez, ele disse: ‘Pode estudar filosofia? Pode. Com dinheiro próprio’. Na declaração, Weintraub fez uma comparação com o Japão. Segundo ele, no país oriental, cursos como de filosofia são ‘para uma pessoa que já é muito rica ou de elite’” (ANDES, 2019).

A crença enquanto uma representação mental é assim classificada por não ter uma análise epistêmica que a valide como conhecimento. Assim, alguma crença é potencial fonte de conhecimento até que seja testada de alguma forma que a coloque a prova e possibilite uma coerência com a realidade para só então sugerir-se sua validade. Dessa forma, podemos admitir que a crença enquanto representação mental pode ou não figurar no campo do conhecimento. Contudo, a crença da pós-verdade não pretende ser provada por marcadores epistêmicos, uma vez que ela parte para a manipulação dos sentimentos para criar a “verdade mais agradável”.

Em filosofia entende-se a necessidade de conceituar a verdade de maneira mais concreta, investigando premissas que permitam ligar o analisado, no nosso caso a proposição com a realidade. O fato é que para entender a categoria conhecimento temos que nos debruçar sobre a verdade. Então precisamos de um conceito que nos auxilie em nossa investigação e que responda: como podemos definir a verdade? A que propósito servirá a verdade? Como aplicá-la às crenças? Quanto à definição da verdade pode-se encontrar diferentes teorias de verdade e há um ponto que podemos considerar comum entre a maioria dos filósofos: a filosofia é a busca da verdade.

Para iniciar uma definição pode-se afirmar que a verdade é aquilo que está ‘conforme a realidade’ sentido semântico etimológico tirado do dicionário, entretanto, há o temor que esse conceito não seja suficiente para definir e conceituar a verdade. Tem-se o problema levantado pela palavra ‘conformidade’ isso sem falar no ‘real’ que filosoficamente tem acepções variadas. Contudo, não há dúvidas que a definição etimológica pode traçar caminhos que auxilie na busca pelo conceito de verdade.

Em Abbagnano (2007) encontramos algumas teorias de verdade. A que elegemos foi a teoria da verdade como correspondência. Então, cumpre-nos agora a definição de verdade segundo a teoria da verdade como correspondência. Segundo Abbagnano (2007), foi pressuposto por muitas escolas pré-socráticas sendo Platão o primeiro a formulá-la formalmente. Ele pautou a verdade no discurso desenvolvendo a seguinte proposição; *“Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é o que diz as coisas como não são”* (ABBAGNANO, 2007. p. 994).

O discurso, portanto, era passível de provação de verdade segundo Platão. Para Aristóteles que dentro do pressuposto de verdade como correspondência dizia “Negar aquilo que é e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a verdade” (ABBAGNANO, 2007. p. 994). Para Aristóteles a verdade estava no pensamento e na linguagem ao mesmo tempo e a medida da verdade é o ser e a coisa. Neste caso, Aristóteles afirma o que é a verdade e onde ela se situa. Portanto, tanto para Aristóteles quanto para Platão verdade e critério de verdade são coincidentes.

Em ambas concepções tanto de Platão quanto de Aristóteles é possível analisar a crença da pós-verdade colocando-a em análise. Se Trump afirma que seria interessante injetar desinfetante em pessoas para curar a covid-19 ele está afirmando ser verdade aquilo que não é (essa ação não curaria as pessoas, pelo contrário as matariam). Essa análise simples poderia tirar as pessoas do entorpecimento dessa falsa crença. Para quem analisa é elementar,

contudo, vimos que o fenômeno da pós-verdade usa a crença para reforçar os sentimentos das pessoas, o que as compromete em analisá-las.

### **Considerações finais**

Diante da argumentação aqui estabelecida, podemos entender que mesmo que não haja consensos no que se refere ao debate sobre o conhecimento, pode-se afirmar que há ao menos um caminho mais seguro para buscar o conhecimento. Um desses caminhos que apontamos em nossa argumentação parte da definição clássica de conhecimento proposicional a saber: conhecimento é crença verdadeira e justificada.

Ainda assim, conforme argumentamos, os marcadores epistêmicos podem ser suprimidos mesmo na argumentação de filósofos experimentados como Kant. Dada essa possibilidade, entendemos que a vigilância epistemológica das crenças que se propagam e são comuns em determinadas épocas devem ser verificadas, até mesmo quando a proposição parte de filósofos com vasta contribuição para os estudos epistêmicos, como é o caso de Kant. Neste ponto é importante destacar que é muito relevante que as crenças, que figuram no debate público, sejam provadas quanto a sua validade epistêmica.

A exposição que trata da relação das crenças e conhecimento, no debate contemporâneo da pós-verdade, provou que é possível livrar-nos das armadilhas da verdade fabricada sob medida. A atitude epistêmica de desconfiar da crença dos homens, conforme bem tratou Epicteto, é uma ação que se faz muito presente na discussão filosófica. A ação crítica frente às crenças, possibilita a análise e impede as armadilhas contemporâneas, que nos levaram novamente a esta encruzilhada civilizatória que nos deparamos – Trump, Bolsonaro etc. – observada também, no primeiro quarto do século XX. Vislumbramos em um horizonte não muito distante, a força de ideias fascistas que povoam o debate político e pensamento de uma massa cada vez mais volumosa, fermentadas pelo advento dos algoritmos e manipulação dos sentimentos em escala jamais vista pela humanidade. A desconfiança filosófica é necessária como instrumento de combate a essas ameaças.

A não observância dessa desconfiança na crença dos homens, mostrou-se problemática no passado, com a anuência por parte de filósofos importantes a crimes enormes cometidos contra a humanidade. O sequestro de pessoas na África, a escravização de seres humanos e a desumanização do europeu e do escravizado foram as causas mais urgentes que a falta de

aferição das crenças nos legou. O risco de repetir este feito na contemporaneidade se faz premente e, ao nosso ver, a solução passa por método comum que deveria ser aplicado na modernidade filosófica e na contemporaneidade: desconfiar das crenças e busca de validação delas usando marcadores epistêmicos.

## Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BÍBLIA, A. T. “Êxodo”. In: BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução: José Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 50.
- BÍBLIA, N. T. “Hebreus”. In: BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução: José Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 184.
- EPICTETO, circa 100, Discursos, Livro II, Cap. 11, § 13-25.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. Volume único / Silvio Gallo 1ª edição. São Paulo: Scipione, 2013.
- IHU, 2016, “Hitler desperta nosso povo”. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 18 de outubro de 2016. Disponível em: [www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561279-o-nazismo-segundo-heidegger-hitler-desperta-nosso-povo](http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561279-o-nazismo-segundo-heidegger-hitler-desperta-nosso-povo). Acesso em 19 de setembro de 2020.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5ª Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Ensaio. Campinas: Papirus, 1993.
- PETER, Michael et al. (eds.), 2018, “Post-truth, Fake News: Viral Modernity and Higher Education”, Springer, Singapore, 4-12.
- SAAB, Sandra, 2013, “La creencia”. In: L. Villoro (ed.), *El conocimiento*. Trotta, Madrid, 63-87.
- SNYDER, Timothy. “Acredite na verdade”. In: *Sobre a tirania: vinte lições do século XX para o presente*. Tradução: Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. cap. 10, p. 63-69.
- SUMNER, Claude. *Classical Ethiopian Philosophy*. Addis Ababa, Ethiopia: Commercial Print, 1985.
- EM VIDEOS Damaris Alves diz que igreja perdeu espaço para ciência nas escolas. *Istoé*, 10 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/em-video-damara-alves-diz-que-igreja-perdeu-espaco-para-a-ciencia-nas-escolas/>. Acesso em 19 de setembro de 2020.
- DE ‘GRIPIZINHA’ a pacto, compare pronunciamentos de Bolsonaro na crise do coronavírus. Folha de São Paulo, São Paulo, 8 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/de-gripezinha-a-pedido-por-uniao-compare-os-pronunciamentos-de-bolsonaro-na-crise-do-coronavirus.shtml>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

TRUMP fala em injeção de desinfetante contra coronavírus e médico rebate: ‘irresponsável e perigoso’, G1, Rio de Janeiro, 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/24/trump-fala-em-injecao-de-desinfetante-contracoronavirus-e-medico-rebate-irresponsavel-e-perigoso.ghtml>. Acesso em 19 de setembro de 2020.